

VINHAIS, José Augusto

*const. 1891; dep. fed. DF 1891-1893.

José Augusto Vinhais nasceu em São Luís do Maranhão no dia 7 de janeiro de 1858, filho do comerciante português Manuel Vinhais e de Guilhermina Augusta Mendes Vinhais.

Aos dez anos de idade foi enviado pelo pai para Lisboa, onde se matriculou na Escola Acadêmica, considerada uma das melhores da cidade. Após ter concluído o curso primário, seguiu para Liverpool, na Inglaterra, onde permaneceu por dois anos, e de lá foi para Londres e Paris, onde concluiu seus estudos.

De volta ao Brasil, estabeleceu-se no Maranhão e, seguindo a vontade do pai, passou a dedicar-se às atividades comerciais. Contudo, em 10 de setembro de 1876 matriculou-se na Escola da Marinha, então instalada a bordo da fragata *Constituição*. Foi promovido a guarda-marinha em 29 de novembro de 1878 e a segundo-tenente em 22 de janeiro de 1881. Foi então nomeado professor de história naval da turma de guardas-marinha daquele ano, embarcada na *Vital Oliveira*, sob o comando do capitão de fragata Júlio César de Noronha. Posteriormente, foi transferido para bordo da *Guanabara*, comandada pelo capitão de fragata Luís Filipe de Saldanha da Gama. Passou mais de uma década embarcado, em constantes viagens.

Em 1884, ajudou seu amigo João José dos Reis, futuro conde de Matosinhos, a fundar o jornal *O País*, que circulou até 1930 e exerceu grande influência na campanha republicana. Quintino Bocaiúva, jornalista que se destacou no processo da proclamação da República, foi redator-chefe do jornal de 1885 até o início do século XX. Escreveram em suas páginas, entre outros, Rui Barbosa, Fernando Lobo, Joaquim Serra, Alcindo Guanabara, Urbano Duarte e Joaquim Nabuco. Em 3 de dezembro de 1887, foi promovido a primeiro-tenente. Em seguida, começou a escrever para o jornal *O Globo*, fundado em 1874 por Quintino Bocaiúva. Defendia em seus textos a abolição da escravidão e logo se tornou, junto com outros militares, um entusiasta da República.

No dia 15 de novembro de 1889, esteve no Campo de Santana, atual praça da República, no centro do Rio de Janeiro, marchando ao lado dos militares que depuseram o imperador Pedro II. Nesse mesmo dia, foi instituído um governo provisório republicano chefiado por Deodoro da Fonseca. Poucas horas depois, José Vinhais foi nomeado diretor da Repartição Geral dos Telégrafos, substituindo Guilherme Schüch, o barão de Capanema, responsável pela instalação da primeira linha telegráfica do Brasil.

Ainda no início do regime republicano conquistou popularidade no meio operário, pois, como diretor da Repartição Geral dos Telégrafos, promoveu importantes reformas em benefício dos empregados do órgão, incluindo a redução da jornada de trabalho. Na ocasião havia uma disputa entre dois grupos interessados em organizar os operários em uma agremiação política: o grupo liderado pelo tenente José Augusto Vinhais e outro, dirigido pelo tipógrafo Luiz França e Silva, que contava com o jornal *Voz do Povo*, de Maurício Veloso, José Veiga e Gustavo Lacerda. Esse grupo propunha uma organização autônoma do operariado frente às classes políticas dominantes, enquanto o tenente Vinhais e seus apoiadores defendiam uma linha de atuação moderada e reformista. Em março de 1890, Vinhais e seus colaboradores fundaram o Centro do Partido Operário (CPO), que congregava sobretudo setores das oficinas estatais e representantes dos serviços públicos. O CPO dominou a política operária até 1893, atuando na mediação de conflitos trabalhistas, na organização de serviços assistenciais, na promoção de atividades culturais, na implantação de um Banco dos Operários e nas disputas eleitorais.

Diante de sua atuação política destacada junto aos segmentos operários, José Augusto Vinhais foi eleito, em setembro de 1890, deputado pelo Distrito Federal ao Congresso Nacional Constituinte. Nesse momento desligou-se do serviço militar, tendo sido reformado no posto de primeiro-tenente da Marinha. Tomou posse em 15 de novembro de 1890, participou da elaboração da Constituição promulgada em 24 de fevereiro de 1891, e a partir de junho, quando teve início a legislatura ordinária, ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados, com mandato até dezembro de 1893.

Na Câmara, fez oposição ao presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca. Após a renúncia deste em 23 de novembro de 1891, seguida da posse do vice-presidente, marechal Floriano Peixoto, participou do grupo que exigia a realização de novas eleições, tal como previa a Constituição de 1891 caso a presidência ficasse vaga antes de dois anos da posse do titular. Em setembro de 1893, um grupo de altos oficiais da Marinha exigiu a imediata convocação de eleições. José Augusto Vinhais participou então da Revolta da Armada, que também traduziu a insatisfação dos revoltosos com o pequeno prestígio político da Marinha em comparação com o Exército. No entanto, a revolta teve pouco apoio político e popular na cidade do Rio de Janeiro. Após adquirir novos navios de guerra, Floriano Peixoto, contando com o apoio do Exército e do Partido Republicano Paulista (PRP), conseguiu conter o movimento em março de 1894. Exilado, assim como outros marinheiros revoltosos, José Augusto Vinhais só regressou do exílio na Argentina em 1895, após ser anistiado.

Em 1903, passou a fazer parte da redação da *Revista Marítima Brasileira*, publicação oficial da Marinha do Brasil desde 1851, que apresentava artigos de autores nacionais e estrangeiros sobre assuntos históricos, técnicos e estratégicos. Em 1928, foi premiado com a medalha de ouro pelo melhor artigo publicado na revista. Permaneceu como colaborador até junho de 1933, quando foi nomeado diretor da Biblioteca da Marinha.

Faleceu no Rio de Janeiro em 29 de dezembro de 1941.

Foi casado, por mais de 50 anos, com a atriz russo-francesa Blanche Grau (Blanche Henriete Pfahler), com quem teve vários filhos.

Publicou *Desvios normais da bússola* (1904); *Oceanografia* (1905); *Zona costeira* (1908); *Aspecto litorâneo* (1911); *O descobrimento do Brasil* (1919); *Principais portos do mundo* (1919); *Correntes oceânicas* (1922); *Correntes aéreas* (1922); *Hidrografia e evolução marítima* (1925); *Ensaio sobre a cartografia no século XVI* (1930); *A causa das marés* (1931); *Guerreiros e navegadores franceses* (1932). Além disso, escreveu inúmeros artigos

publicados na *Revista Marítima Brasileira* e nos jornais *O País* e *O Globo*.

Izabel Pimentel da Silva

Fontes: ABRANCHES, J. *Governos* (v.1); ABREU, B. *Esses*; BATALHA, C. *Formação*; COMISS. CONST. CENT. REP. PRIM. CONST. REP. . *Relatório*; CÂM. DEP. *Deputados brasileiros*; DIR. PATR. HIST. DOC. MAR. Disponível em: <<http://www.mar.mil.br/dphdm/sede.htm>>; SOUSA, J. *Índice*; VELHO SOBRINHO, J. *Dicionário* (v.1, 2).